

# A VALORIZAÇÃO DA VIDA: POR QUE NOS ÚLTIMOS ANOS AUMENTOU O ÍNDICE DO COMETIMENTO DE SUICÍDIOS POR PARTE DE POLICIAIS?

## THE VALUATION OF LIFE: WHY IN THE LAST YEARS INCREASES THE INDEX OF SUICIDES AMONG POLICEMEN?

SILVA, Francisco de Assis Coutinho<sup>1</sup>

DOS ANJOS, Sidney Rodrigues<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo observar o comportamento humano, buscar entender determinados fatores psíquicos, melhorar a rotina diária e evitar conseqüências como a ansiedade, a depressão e o suicídio dos profissionais da área de Segurança Pública no Brasil. A idéia central é estudar as causas iniciais que, ao longo dos anos, influenciam direta ou indiretamente no desenrolar de atitudes e tomadas de decisões, na qual pode provocar o intento em finalizar a vida de forma trágica e inesperada. De acordo com diversas literaturas, observam-se dados reais em artigos elaborados por pesquisadores, na qual obtém resultados que consideram a ansiedade e depressão como as doenças do século XXI. E diante dessas conclusões, verificar-se-á o início dos labores dos profissionais da Segurança Pública, os limites enfrentados a curto e longo prazo e; por fim, a ponderação de quais pressões e desafios estes profissionais são capazes de vivenciar.

**Palavras-chave:** Ansiedade. Depressão. Suicídio. Segurança Pública.

### ABSTRACT

This study aims to observe human behavior, seek to understand certain psychic factors, improve daily routine and avoid consequences such as anxiety, depression and suicide of professionals in the area of Public Safety in Brazil. The main idea is to study the initial causes that, over the years, influence directly or indirectly in the development of attitudes and decision making, in which it can provoke the attempt to end life in a tragic and unexpected way. According to several literatures, real data are found in articles written by researchers, in which they obtain results that consider anxiety and depression as diseases of the 21st century. And in the face of these conclusions, there will be the beginning of the work of the Public Safety professionals, the limits faced in the short and long term; and finally, the weighing of what pressures and challenges these professionals are capable of experiencing.

**Keywords:** Anxiety. Depression. Suicide. Public Safety.

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Pós-Graduação do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM, chicoutinho@hotmail.com; Valparaíso de Goiás, Março de 2019.

<sup>2</sup> Professor orientador: Mestre em Educação, professor do Programa de Pós-Graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM, sidneydosanhos@gmail.com; Valparaíso de Goiás, Março de 2019.

## **1 INTRODUÇÃO**

Qual é o mal do século? A ansiedade? A depressão? Não há dúvida de que ambas abarcam um número assombroso de pessoas na sociedade moderna. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a depressão é um elemento causador inicial para o suicídio; portanto vem deixando de ser encarada como uma tristeza momentânea, na qual pode vir a ser tratada apenas em consultórios a portas trancadas, e se tornou uma preocupação de saúde pública mundial desde 1990. Segundo dados da OMS estima-se que será a doença que mais matará no mundo e que, meados de 2020, de 10 a 20 milhões de pessoas cometerão ou tentarão cometer um ato suicida.

A primeira medida preventiva ao suicídio é a educação, ou seja, é preciso falar sobre o assunto, derrubar tabus e compartilhar informações ligadas ao tema. A OMS também escolheu o dia 10 de Setembro, intitulado o próprio mês como Setembro Amarelo, com o fito de mobilizar esforços para prevenção do suicídio. É uma oportunidade aberta a todos os setores da sociedade para intervir e chamar a atenção para o grave problema do suicídio no mundo.

A atividade policial é apontada como a profissão com maior probabilidade de morte por suicídio a nível mundial. O que faz essa categoria ser tão vulnerável? O que estimula um policial a tal ato? Seria o fato dos policiais estarem constantemente ligados a mortes? A resposta é complexa, pois o suicídio é multideterminado: o treinamento policial, as cobranças excessivas, os riscos inerentes da profissão, morte dos colegas, tudo são fatores somatórios para um psicológico fragilizado.

Diante do exposto, o que se pode fazer para evitar o índice do elevado crescimento do cometimento de suicídios por parte de Agentes da Segurança Pública? Medidas devem ser tomadas como forma de evitar que esse mal perpetue e não mais afligir as fileiras de instituições que tem como principal motivo a defesa pelo maior patrimônio constitucional: a vida.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

“Quando uma pessoa pensa em suicídio, ela quer matar a dor, mas nunca a vida”, diz Augusto Cury. Para ele, a pessoa que comete suicídio na realidade ama a vida e quer muito viver, mas não suporta a dor que o aflige e quando decide cometer o ato suicida apenas está querendo se livrar da dor.

Em todas as regiões do país, que conta com cerca de 425 mil policiais militares, são altas as taxas de suicídio e de transtornos mentais. Em São Paulo, por exemplo, estado com o maior efetivo policial do país (93.799 agentes) 120 policiais militares cometeram suicídio entre 2012 e 2017, número maior que o de mortos no exercício da função.

Há muito que se tem falado em relação à saúde dos policiais na qual estão ficando doentes. A atividade policial é considerada a segunda mais estressante (Bezerra, Minayo & Constantino, 2013), uma profissão que apresenta fatores de estresse maiores do que de outros profissionais. Necessitam de ficar alerta permanentemente, atuando no confronto contra a criminalidade na defesa dos cidadãos, arriscando a própria vida para salvar a vida de outro. Trata-se de atividade de risco, levando a problemas emocionais e incidência de suicídios mais elevados.

O alto nível de estresse do trabalho policial é geralmente citado como um fator de contribuição principal. O limite constante com estressores inerentes ao perigo, e para os gestores de polícia, as pressões da administração, podem oprimir até mesmo a pessoa mais forte. Quando os policiais perdem a capacidade de lidar com os problemas de maneira normal, eles podem recorrer a uma solução final para aliviar as pressões de estresse. (VIOLANTI, 1995, p. 20).

A rotina do trabalho dos policiais abrange agressões verbais, abuso de autoridade e humilhações de superiores, principalmente aos militares, onde impera a obediência hierárquica, risco permanente de ser ferido ou morto em uma operação, escala de trabalho puxada somado a falta de treinamentos periódicos; falta de equipamentos apropriados ou, em muitas vezes, quando os tem, estão vencidos, baixos salários, agravados em alguns casos com atrasos de pagamentos.

São pontos apresentados para que se possa buscar e descobrir, motivos dos desvios de comportamento ao longo da carreira policial. Ao abordar o tema suicídio somos levados diretamente a palavra depressão, considerado por muitos estudiosos a “doença da atualidade”, sendo a principal causadora deste. De acordo com dados divulgados em 2017 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada 45 minutos uma pessoa se suicida no Brasil. Dentre estes, uma amostra significativa é de agentes da Segurança Pública, porém esbarra-se pela falta de estatísticas confiáveis, consequentemente pela não divulgação da causa morte pela corporação.

As disparidades entre as estatísticas de suicídio policial devem-se, com freqüência, a problemas metodológicos. Um deles é o difícil acesso ou a inexistência

de informações. Normalmente, esses dados não são coletados pelas organizações policiais, e, quando os são, não são trabalhados de forma sistemática. A resistência das instituições policiais em disponibilizar esse tipo de informação para o público, acadêmico ou geral, é também um obstáculo à produção de conhecimento científico na área. O terceiro problema, muito comum entre esses estudos, é a inexistência de estimativas populacionais de polícias. Essas limitações comprometem o cálculo da taxa de mortalidade por suicídio quando controlada pelo crescimento da população policial. O quarto problema é a má classificação da *causa mortis*. O suicídio entre policiais é, usualmente, classificado como acidente ou como causa indeterminada (Miranda, 2016).

O militar, por causa da sua profissão, via de regra atua em situações críticas, estando rotineiramente em risco de morte. Não dá pra escolher entre salvar ou não uma pessoa. O militar vai lá e faz. O problema é que esse tipo de trabalho expõe o militar a condições insalubres por vezes extremas, podemos citar como exemplos: bombeiros carregando mais de 20 quilos nas costas e entrando em nuvens de fumaça cheias de substâncias cancerígenas até os policiais trocando tiros com bandidos armados com equipamentos de guerra, contra os quais simples coletes não resolvem. Isso para citar apenas dois exemplos de exposição ocupacional diferenciada dessas categorias de trabalho.

Pesquisador de Segurança Pública, Paes de Souza é doutorando da Universidade de São Paulo (USP), e seu tema principal é a inadequação da formação policial para lidar com a pressão da violência cotidiana. O treinamento exigente – quando não abusivo – desde a entrada na corporação prolonga-se em um cotidiano de rigidez hierárquica e intimidação, agravando o estresse, o medo e a angústia inerentes à profissão. Quase sempre vividos em silenciosa solidão.

“Há muitos casos que não são notificados e muitos não buscam o tratamento psiquiátrico porque vão sofrer chacota no ambiente de trabalho. Serão chamados de covardes e fracos; os comandantes podem crer que eles estão enrolando para matar serviço, por exemplo. É um ambiente bem machista e de virilidade, em que não podemos assumir fraquezas. Eu fui treinado assim, com os trotes na academia, os trotes das unidades em que passei. Você é humilhado e tem que agüentar porque o bom militar agüenta, o guerreiro agüenta toda e qualquer violência e acha isso normal. Nos fazem achar que fomos feitos para isso, mas ninguém foi feito para isso. Quando a PM não assume que seus policiais têm problemas, a instituição está fechando uma panela de pressão vazia, sem água, que vai explodir um dia”, adverte Paes de Souza, que

ainda carrega as cicatrizes da violência sofrida na profissão.  
“Bom, eu faço terapia”, diz.

Entrevistado pelos pesquisadores, uma praça da PM disse que passou a ser tratado de forma pejorativa pelos colegas e oficiais após a licença médica e seu retorno ao posto. “Fiquei 15 dias em casa; quando eu voltei pra trabalhar, eu estava trabalhando já com arma de fogo, normalmente. Quando eu voltei, eu fiquei seis dias detido no batalhão, preso. É. Meu tratamento foi esse. Eu fiquei dois dias hospitalizado e 15 dias em casa. No 16º dia, eu voltei à companhia. Me entregaram à tropa e fui punido”, disse.

Rafael Alcadipani, professor Adjunto da FGV-EAESP, membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Visiting International Fellow no Crime & Security Research Institute – Cardiff University.

“Professor, eu sei o que é ter o cano frio de uma pistola apontada para o meu queixo.”, foi o que me disse um policial paulista há algum tempo quando conversávamos a respeito de suicídio de policiais. “Conheço um colega que o filho abriu a geladeira e não tinha nada para comer. Ele ficou desesperado. E tinha uma pistola carregada do lado dele”. Este foi outro relato que ouvi de outro policial paulista a respeito do desespero de um colega que não conseguia sustentar a sua família devido ao seu baixo salário. As pessoas que vivem no meio de policiais sabem que o suicídio é um problema que aflige a classe em São Paulo e no Brasil.

Recentemente, a Ouvidoria de Polícia de São Paulo divulgou um relatório denominado “Pesquisa sobre o Uso da Força Letal por Policiais de São Paulo e Vitimização Policial em 2017”. O detalhado relatório realizado pelo Dr. Benedito Mariano trás a tona dados preocupantes a respeito do suicídio dos policiais paulistas. No ano de 2017, 16 Policiais Militares e 10 Policiais Civis cometeram suicídio. Considerando o efetivo das duas polícias, proporcionalmente mais policiais civis cometeram suicídio do que militares. Em serviço, segundo o relatório do Ouvidor, morreram 12 Policiais Militares e 4 Policiais Civis. Ou seja, morrem mais policiais em São Paulo por suicídio do que executando o seu perigoso trabalho. Mundialmente, a taxa de suicídio de policiais é maior do que da população.

Cometer um suicídio é um ato de desespero de uma pessoa que perde o sentido na vida. Se por um lado existem questões pessoais para se realizar o ato, por outro o contexto social termina por incentivar quem já tem predisposição para ceifar a própria vida. A situação cotidiana dos policiais paulistas e brasileiros requer

muita atenção. Primeiro, realizam um trabalho em que estão cotidianamente em contato com profundas dores e tristezas. Policiais lidam cotidianamente com aquilo que é exceção para a maioria das demais profissões. Homicídios, estupros, ações de pedofilia, brigas e tantas outras situações complexas fazem parte do cotidiano do trabalho destes profissionais.

Outro aspecto a se destacar é a grande quantidade de trabalho, com constantes pressões das chefias para se reduzir indicadores criminais, e a necessidade de se realizar “bicos”. A remuneração dos policiais paulistas está longe de ser compatível com a realidade econômica do Estado de São Paulo, a situação fica ainda mais delicada na Capital e em grandes cidades como Campinas. Com isso, policiais utilizam a hora de folga para realizar outros trabalhos o que aumenta seu grau de estresse. Ou seja, realizam um trabalho emocionalmente e muitas vezes fisicamente extenuante e não possuem tempo para se recuperar. É expressiva a quantidade de policiais que possuem dívidas como, por exemplo, um empréstimo consignado, o que aumenta a pressão no indivíduo.

É preciso, ainda, considerar que muitos policiais estão sob chefias que possui pouco preparo durante a sua formação para serem líderes de verdade. Há, ainda, uma diferença entre aquilo que se ensina no banco das Academias de Polícia e aquilo que se ensina nas subculturas policiais onde o estilo de liderança autoritário e agressivo é valorizado, especialmente em algumas áreas da PM. Policiais ainda estão imersos em uma cultura masculina onde dor e sofrimento deve ser a todo custo escondido. Também é muitas vezes mal visto nas polícias procurar auxílio psicológico, visto por alguns como coisa de fracos ou de quem quer fugir do trabalho.

Por fim, policiais sentem que seu trabalho não é valorizado pela sociedade e é facilmente criticado pela mídia. No caso específico da Polícia Civil, onde os números de suicídios são proporcionalmente maiores do que da PM, há uma nítida sensação entre os policiais de que a polícia foi sucateada pelos governantes e estão em seríssimas dificuldades, além de ter dificuldades para realizar uma gestão efetiva, inclusive de seus recursos humanos.

O suicídio precisa deixar de ser um tabu e se tornar em um tema de primeira grandeza na agenda dos chefes de polícia e dos governantes de São Paulo. Como recomenda o Ouvidor das Polícias, é preciso criar programas de prevenção ao suicídio com profissionais de fora das instituições policiais. Os

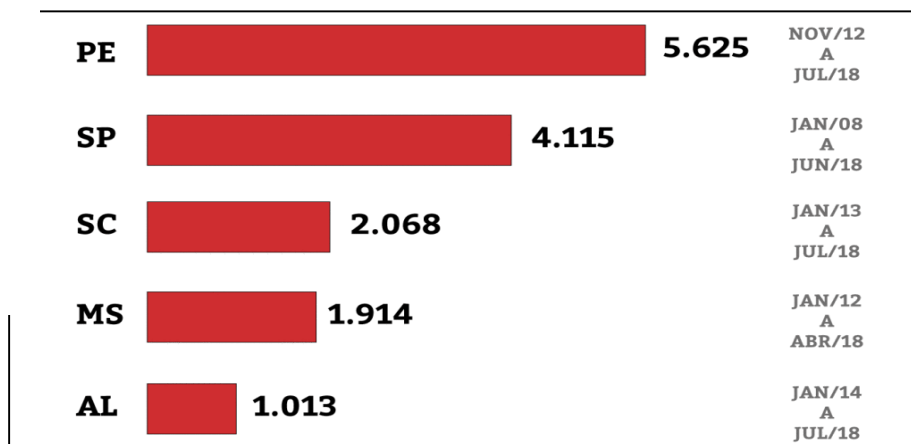
governantes, ainda mais em época de eleição, precisam propor melhorias efetivas nas condições de trabalho cotidiana dos policiais que aliviem a sua pressão cotidiana. Mas, não bastam promessas. É urgente levar os problemas da polícia a sério e não ver os policiais apenas como massa de manobra para conseguir votos. A sociedade precisa reconhecer melhor o trabalho dos bons policiais, a sua imensa maioria. Todos nós precisamos agir para combater uma das maiores causas de vitimização policial no Brasil: o descaso com que são tratados. Nossos policiais estão se matando, quem se importa?

Os dados apresentados pelo estudo de Dayse e sua equipe revelam que 58 policiais militares tiraram a própria vida e 36 tentaram suicídio entre 1995 e 2009 no Rio de Janeiro. “Embora esses números sejam altos, o trabalho de campo revelou que essas cifras estão subestimadas. Muitos dos casos de suicídios consumados e tentativas de suicídio não são informados ao setor responsável por inúmeras razões. Entre elas, estão as questões socioculturais – o tabu em torno do fenômeno; a proteção ao familiar da vítima (a preservação do direito ao seguro de vida) e a existência de preconceito ao policial militar diagnosticado com problemas emocionais e psiquiátricos”, afirma o relatório da pesquisa.

De acordo com dados obtidos via Lei de Acesso à Informação na Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, entre janeiro de 2014 e junho de 2018, três policiais militares foram diagnosticados, por dia, com transtornos mentais (Tabela I). Entre janeiro e agosto de 2018, 2.500 policiais militares foram afastados por transtornos mentais, mais que três vezes dos afastados em todo o ano de 2014 (836).

Para os autores do estudo, os profissionais da saúde da PM devem estar atentos para sinais de deterioração da saúde mental dos agentes:

“No atendimento ao policial militar, principalmente aquele em atividade-fim, e em constante atuação de enfrentamento junto à criminalidade, o profissional de saúde deverá estar atento a comportamentos que demonstrem o afastamento das condutas de segurança requeridas para a prática da ação policial militar”, e complementa: “deve-se afastá-lo de sua arma de fogo ou outro meio que tenha à disposição e conduzi-lo ao psicólogo. É interessante entrar em contato com familiares ou amigos próximos na tentativa de fortalecer a rede de apoio”.

**TABELA I – PMs afastados por transtornos mentais por Estado**(Fonte: Revista Exame)<sup>3</sup>

Em relação ao que já foi exposto, dentre os tópicos dos problemas enfrentados por profissionais da Segurança Pública; infelizmente ainda não foi conscientizado de certa forma junto às diferentes instituições sobre o estrago que este tipo de epidemia, se é que pode se chamar assim, em relação aos seus efetivados, nota-se que em busca de maiores informações, muitas perguntas não são respondidas, ficando obscura a procura de uma real solução e prevenção que o caso requer.

No Brasil, segundo a Revista Hypesness, a Polícia Militar ainda atua com a sombra do regime ditatorial que tomou conta do país por mais de 20 anos. De maneira geral, as instituições possuem uma rígida linha de conduta, que somada ao baixo investimento para o combate ao crime, estão contribuindo para o aumento dos casos de suicídio envolvendo policiais militares.

Ainda, sobre o estudo elaborado pela mesma editora, a Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo apontou que apenas em 2017, houve 26 suicídios entre policiais, número superior a seis mortos em confrontos com criminosos. A paranóia causada pela pressão constante e a desvalorização, são alguns dos fatores que colocam os suicídios cometidos por policiais militares acima da média da sociedade civil.

Segundo o ouvidor Benedito Mariano – autor do relatório, os comandos das instituições devem se debruçar sobre o caso e criar métodos para impedir o

<sup>3</sup> Fonte: Por **Matheus Moreira e Thiago Picolo, da Agência Pública**, Publicado em 24 fev 2019, 08h00

crescimento desta prática. Mariano sugere um acompanhamento minucioso da saúde dos policiais e que o Estado investigue as causas das mortes.

Além da falta de condições ideais de trabalho, outro agravante é a postura excessivamente conservadora propagada pelo militarismo, desaguando na desumanização do PM. Em entrevista ao *BuzzFeed News*, o professor da FGV, Rafael Alcadipani, pede que as corporações não abafem o tema.

“Um policial procurar ajuda é visto como uma derrota. ‘Você não é um herói’. O herói precisa agüentar tudo, não pode sofrer”, finaliza.

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública do Estado ressaltou que a PM conta com um sistema de saúde mental e que a Polícia Civil criou uma divisão de prevenção e apoio assistencial.

“As polícias paulistas dedicam especial atenção aos cuidados psicológicos dos policiais que integram os quadros das instituições fornecendo todo o suporte necessário. O Sistema de Saúde Mental da PM disponibiliza aos policiais serviços de atendimentos psicossociais realizados por psicólogos e assistentes sociais do Centro de Atenção Psicológica e Social (CAPS), sediado na Capital, bem como nas unidades policiais que possuem Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS)”.

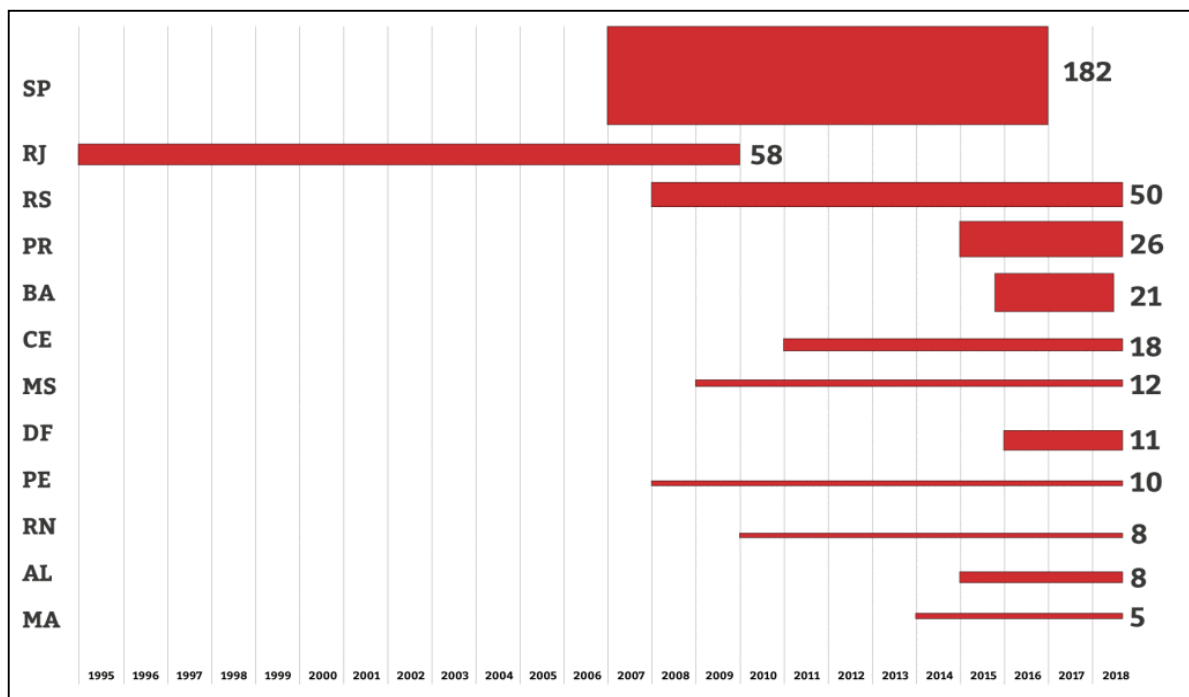
Estudos realizados por pesquisadores mostram que ao longo de dois meses, a reportagem enviou mais de 50 solicitações de acesso à informação para os 26 estados e Distrito Federal, questionando as Secretarias de Segurança Pública sobre o número de policiais que cometeram suicídio e a quantidade de PMs afastados do serviço por transtorno mental. Onze estados e o DF informaram ter registros de suicídios, mas apenas dois: Pernambuco e Rio Grande do Sul enviaram os dados referentes ao período de janeiro de 2008 e julho de 2018, como solicitado pela reportagem.

Ainda que incompletas, as informações obtidas mostram que a quantidade de policiais militares afastados nos estados que responderam às solicitações é alta. Há relatos de afastamentos e suicídios em todos os 26 estados e no Distrito Federal. No Espírito Santo, por exemplo, aumentou o número de tentativas de suicídio entre PMs após a greve que paralisou parte dos policiais no estado no início de 2017. A Associação de Cabos e Soldados da Polícia Militar e Bombeiro Militar do Espírito Santo (ACS/ES) registraram nos meses seguintes à

greve, pelo menos cinco suicídios. Além disso, ao menos 13 policiais foram afastados por agravamento de transtornos psíquicos. Entre as causas mais comuns relatadas está a perseguição perpetrada por oficiais de patentes superiores nos momentos pós-greve.

Em São Paulo, entre 2006 e 2016, 182 policiais militares (Tabela II) cometeram suicídio: uma morte a cada 20 dias. A partir de 2012, a situação piorou. Entre aquele ano e 2017, 120 policiais militares tiraram a própria vida, um a cada 15 dias. Dados do relatório da Ouvidoria das Polícias do Estado mostram que houve 71 casos de suicídio em entre 2017 e 2018. Mais grave: houve crescimento de 73% nas ocorrências, com 20 casos ao longo de 2017 e 51 registros em 2018.

**TABELA II – Suicídio de PMs por Estado**



(Fonte: Revista Exame)<sup>4</sup>

No Rio Grande do Sul, 50 PMs cometeram suicídio entre 2008 e 2018, período em que 10 se mataram em Pernambuco. No Ceará, entre 2011 e 2018, foram 18 PMs mortos por suicídio; enquanto no Rio Grande do Norte, entre 2010 e

<sup>4</sup> Fonte: Por **Matheus Moreira e Thiago Picolo, da Agência Pública**, Publicado em 24 fev 2019, 08h00

2018, foram 8 os suicídios – mesmo número dos ocorridos entre 2015 e 2018 em Alagoas.

Já no Distrito Federal, foram 11 suicídios entre 2016 e 2018, mesmo período em que 21 PMs se mataram na Bahia, de acordo com a Associação de Policiais e Bombeiros e de seus Familiares do Estado da Bahia (Aspra-BA). A PM baiana não confirma nem disponibiliza outros dados referentes aos suicídios cometidos no período.

Também forneceram dados sobre suicídios de PMs no Maranhão, 5 mortes entre 2014 e 2018, Mato Grosso do Sul, 12 suicídios e Paraná, 26.

Cada suicídio de policial militar é um evento trágico. As conseqüências para familiares, amigos e para a própria Corporação são avassaladoras. Por isso, os esforços para a prevenção devem ser tratados como prioridade e seriedade pelos comandantes e por cada um dos integrantes de suas fileiras. Para Corrêa e Barrero (2006, p. 155), “a prevenção do suicídio não é um problema exclusivamente médico, mas de toda a comunidade, de suas organizações e indivíduos”. Logo, no âmbito das corporações policiais militares tais preceitos se aplicam e precisam ser considerados.

Policiais normalmente acreditam que podem ser capazes de lidar com a maioria das situações, sem ajuda. Ao mesmo tempo, quer admitam ou não, têm um desejo quase insaciável por aprovação, na sociedade e entre os companheiros. Assim, há pouco espaço para erro ou falha. Para muitos policiais, a vergonha é muito pior do que o medo, e perder a aprovação ou o apoio da família ou dos colegas é algo grave. A vida pode se tornar intolerável se o policial for atingido por uma avalanche de estressores profissionais ou pessoais, especialmente se tudo acontecer de uma só vez. Para Kapardis (2010), há na cultura policial o estilo machista que desencoraja o policial de falar sobre os estressores, sendo um mecanismo muito utilizado, porém, inadequado. Um policial angustiado pode ficar relutante em procurar ou aceitar ajuda por medo de parecer fraco.

São muitas as questões que precisam ser levadas em consideração até que a próxima morte aconteça. A vida tem pressa e em se tratando do bem mais precioso que temos, perde-se tanto tempo discutindo questões que estão fora do controle do Estado e aquilo que é palpável, e possível de ser realizado e que trará

resultados eficientes, nem entra em pauta de discussões. É sabido que investir em prevenção é muito mais econômico para os cofres públicos em todas as áreas. Então fica a pergunta: - Até quando correr atrás do crime e esquecer-se de cuidar das pessoas?

Estudos apontam que os fatores citados abaixo devem ser observados com mais afinco em toda e qualquer área profissional, especialmente na Segurança Pública em que seus agentes se envolvem profundamente com problemas alheios e buscam soluções para tais, podendo-se iniciar uma prevenção mais eficaz com auxílio de profissionais, buscando um resultado positivo no combate a este mal:

- Tentativa de Suicídio anterior;
- Presença de Transtorno Mental.
- Depressão;
- Transtorno bipolar;
- Transtornos mentais relacionados ao uso de álcool e outras substâncias;
- Transtornos de personalidade;
- Esquizofrenia;
- Gênero masculino;
- Sem filhos;
- Moradores de áreas urbanas;
- Desempregados ou aposentados;
- Isolamento social;
- Solteiros, separados ou viúvos;
- Perdas recentes;
- Pouca resiliência;
- Personalidade impulsiva, agressiva ou de humor instável;
- Ter sofrido abuso físico ou sexual na infância;
- Desesperança, desespero e desamparo;
- Condição de saúde limitante;
- Doenças orgânicas incapacitantes;
- Dor crônica;
- Doenças neurológicas (epilepsia, Parkinson, Huntington);
- Trauma medular;
- Tumores malignos;

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para realização do presente trabalho foi com base em revisão de literatura de diversos estudiosos sobre o tema do suicídio; porém, em relação às instituições da Segurança Pública não dispõem de um acervo complexo sobre o tema. Em contrapartida, alguns estados brasileiros já demonstraram interesses em referência ao tema proposto.

Ademais, não houve a realização de pesquisa de campo e somente a bibliográfica, tendo em vista que por se tratar de um assunto delicado e de cunho estritamente pessoal e psicológico, não obteria uma margem confiável de dados necessários para discutir e chegar a um veredicto do problema estudado.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A natureza da atividade policial possui características que causam impacto na sua subjetividade e saúde psíquica: o alto nível de estresse da atividade policial, exposição constante à violência e a incidentes trágicos, que podem conduzir a transtornos mentais graves como depressão, estresse pós-traumático, etc, e também o acesso ao meio letal que aumenta o risco em situações de crise.

Um Plano de Ação para o problema em questão: "Por que os policiais se matam?" propõe dois tipos de intervenção para redução do risco de suicídio entre policiais. Uma de cunho geral, com palestras, gestão de pessoal (revisão das escalas de trabalho), gestão de logística (melhores locais para refeições e alojamento), formação e treinamento; e outra mais específica, voltada para o atendimento do policial em situação de risco.

Entre as estratégias específicas está a criação de um protocolo sobre como lidar com um potencial suicida, considerando os níveis de risco. Outro ponto importante é o alerta sobre o uso de arma de fogo. Em casos extremos, em que o policial for considerado de alto risco de cometer suicídio, pode-se providenciar para que sua arma seja recolhida.

De acordo com Dayse Miranda, "Retirar a arma de um policial não é simples, principalmente no caso de um policial doente. Outra dificuldade é que não há uma regra que defina em que circunstâncias de se acautelar a arma de fogo".

Um policial militar só conseguirá desempenhar suas funções adequadamente e prestar um bom trabalho à sociedade se estiver com sua saúde mental perfeita. Se estiver mentalmente comprometido, tende a se colocar em risco e também a arriscar a vida de outras pessoas. Assim, as corporações precisam, além de investir, entender a gravidade do problema para poder envidar esforços e salvar da autodestruição seus integrantes que sofrem veladamente. É uma questão humanitária e extremamente necessária.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como evidenciar a grande necessidade de esforços para a prevenção do suicídio de profissionais da Segurança Pública. O fato de ser um agente desta área gera um risco aumentado para a prática autodestrutiva, o que não impede o cometimento de ato suicida apenas com o uso do seu armamento; pois conforme citado anteriormente, uma forma de prevenção seria a retirada da cautela da arma, porém não obstante, utiliza-se de outros meios para dar cabo de suas vidas.

A negação ao problema atrasa a assistência e conduz o indivíduo para o fim de seus problemas e de suas dores. A orientação deve ser oferecida àqueles que tentam suicídio e por qualquer motivo não conseguem consumir o ato. Sem o devido atendimento e acompanhamento adequado, o risco de uma nova tentativa pode aumentar.

É muito importante salientar que os suicídios continuarão ocorrendo, visto que a depressão vem acometendo uma grande parte da sociedade. Entretanto, deve-se dar uma atenção maior a essa classe de profissionais e tentar evitar ao máximo esse tipo de ação que em decorrência de suas rotinas de trabalho, tendem a colocar um fim em suas dores.

A prevenção do suicídio no meio policial é uma necessidade imperiosa. Tal constatação levou ao estudo desse assunto e a análise dos esforços voltados para a prevenção dos atos. Investir na prevenção do suicídio traz benefícios incomensuráveis, já que o objetivo primordial é o de evitar os sofrimentos inerentes a esse fenômeno que acompanha o homem por toda sua história.

Dada à importância do assunto, tornam-se necessário que as corporações e o Estado, além de investir em prevenções, devem entender a gravidade do problema para salvar da autodestruição seus integrantes que sofrem ocultamente. A ajuda é uma forma de humanidade e especialmente necessária.

## **6 REFERÊNCIAS**

BRITO, D. P. Os Desvios de Comportamento Praticados pelos Policiais Militares. O Alferes, Minas Gerais, 2017.

DURKLEIM, E. O Suicídio. In: Monica, S. Ed. Martins F, São Paulo, 2000.

FERREIRA, S. Tese Suicido Policial, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Dissertação de Mestrado em Criminologia. Portugal, 2006.

FILIPA, A. Comportamentos Suicidários, caracterização e discussão de fatores de vulnerabilidade. São Paulo, 2017.

GUIMARAES, T & Miranda, D. O suicídio policial: O que sabemos, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Ed. Dilemas Vol. 9 – no 1. Rio de Janeiro, 2017.

HENRIQUE, A. OS SUICÍDIOS ENTRE POLICIAIS EM SÃO PAULO. Disponível em <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/8x8ggb/suicidio-entre-policiais-sp](https://www.vice.com/pt_br/article/8x8ggb/suicidio-entre-policiais-sp)>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2018.

MARCH, K. “Hoje decidi deixar o mundo”, narrativas de suicídio em Guarapuava-PR nos anos 1950. São Paulo, 2017.

MINAYO, M. C. S. Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais civis e militares do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 12.

NEURY, J. B. Comportamento suicida: epidemiologia Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2014.

O ASSUSTADOR NÚMERO DE SUICÍDIOS DENTRO DA POLÍCIA MILITAR, disponível em <<https://paranaportal.uol.com.br/opiniaosintonia-fina/o-assustador-numero-de-homicidios-dentro-da-policia-militar/>>. Acesso em 23 de março de 2019.

O DRAMA DE SUICÍDIO DE POLICIAIS, disponível em <<https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/o-drama-do-suicidio-de-policiais/>>. Acesso em 11 de maio de 2019.

O SUICÍDIO ENTRE POLICIAIS MILITARES NA POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ: ESFORÇOS PARA PREVENÇÃO, disponível em <[http://www.pmpr.pr.gov.br/arquivos/File/APMG/01\\_O\\_suicidio\\_entre\\_policiais\\_militares\\_na\\_policia\\_militar\\_do\\_Parana.pdf](http://www.pmpr.pr.gov.br/arquivos/File/APMG/01_O_suicidio_entre_policiais_militares_na_policia_militar_do_Parana.pdf)>. Acesso em 23 de março de 2019.

OMS. ORGANIZAÇÃO N. S. GRAVE PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA, SUICÍDIO É RESPONSÁVEL POR UMA MORTE A CADA 40 SEGUNDOS NO MUNDO. Disponível em <[http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5221:grave-problema-de-saude-publica-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo&Itemid=839](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5221:grave-problema-de-saude-publica-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo&Itemid=839)>. Acesso em 24 de Fevereiro de 2018.

PMS SOFREM COM SUICÍDIOS E TRANSTORNOS MENTAIS SEM APOIO DA CORPORAÇÃO, disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/pms-sofrem-com-suicidios-e-transtornos-mentais-sem-apoio-da-corporacao/>>. Acesso em 23 de março de 2019.

POR QUE OS POLICIAIS SE MATAM: PESQUISA TRAZ NÚMEROS E RELATOS DE SUICÍDIOS DE PMS, DISPONÍVEL EM <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160322\\_policiais\\_suicidios\\_fe\\_if](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160322_policiais_suicidios_fe_if)>. Acesso em 16 de abril de 2019.

SALES, L. J. M. A Condição do Policial Militar em Atendimento Clínico: Uma análise das narrativas sobre adoecimento, sofrimento e medo no contexto profissional, Fortaleza, Ceara. 2016.

SOUZA, S. L. Depressão em Policiais Masculinos: Avaliação do perfil de usuários crônicos de bebida alcoólica na PMMG, Minas Gerais, 2002.

SUICIDIO MAIS MAIS QUE CONFRONTO, disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2018/09/suicidio-mata-mais-policiais-que-confronto-em-servico-aponta-relatorio/>>. Acesso em 12 de maio de 2019.